

Regenerador Liberal

SEMANARIO MONARCHICO

ASSIGNATURA

Em Ovar (anno) 18000 reis
Com estampilha (anno) 12000 reis
Para fóra do reino acresce o porte do correio.
Anunciam-se obras litterarias remetendo-se dois exemplares
Redacção e Administração—R. da Graça, OVAR

Director e Proprietario

AMADEU PEIXOTO PINTO LEITE

Composição e impressão—Typ. do OVARENSE
—* Rua da Graça—OVAR *

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal, a 60 reis a linha, largura d'uma columna
Anuncios e communicados, 50 reis; repetições 25 reis
Anuncios permanentes, contracto especial
Os srs. assignantes tem o abatimento de 25 por cento
Preço de cada jornal avulso 20 reis

A camara municipal de Ovar recebe de rendimento annual, em media, vinte contos de reis!

Que se faz a tanto dinheiro?

Nós nada possuímos de melhoramentos! E esse dinheiro recebe-o e gasta-o a camara todos os annos!

Em que?

Povo d'Ovar! é a hora de perguntardes em que é que se dispendem os dinheiros do municipio!

Vinte contos por anno!

E nós sem Hospital,

Nem escola industrial,

Nem jardins,

Nem hygiene e limpeza de praças e ruas,

Nem bibliotheca,

Nem iluminação; sem possuímos o strictamente necessario a uma terra que

se adorna com o titulo de villa populosissima e muito commercial e quer passar por terra civilisada!

Que é que se tem feito de tantos contos de reis!...

A politica

De volta à Patria, incensado por muitos, injuriado por alguns, apedrejado por meia duzia de bandidos, D. Manoel está de novo à testa do Paiz.

Dos beneficos resultados da sua viagem, não é tempo ainda para fallar, porque não sóbra o tempo d'esses factos se manifestarem na vida interna da nação.

Affirma-se que estão em via de realisação contractos novos de commercio entre Portugal e as nações visitadas e que as relações de amizade com a Inglaterra mais se apertarão pelos novos laços de sangue e familia pelo casamento do rei com a princeza ingleza Patricia Connaught.

Dizia-se que D. Manoel casaria com uma filha do duque de Fife; segundo informações

seguras, saídas das altas regiões da diplomacia, essa Rachel fóra substituída pela princeza Patricia.

Portugal não perdeu nada com a troca, mas antes pelo contrario.

Os principes Connaught quanto a nobreza e influencia em Inglaterra sobrelevam a casa dos duques de Fife.

Que tudo se normalise, que os boatos aterradores da politica interna se acalmem com esta chuva de fim d'anno, e que os nervos do partido republicano, sob a influencia bemfazeja d'estes banhos de chuva e de desenganos, entrem em periodo de accalmiação, para o sr. Wenceslau não se ver forçado a vestir a camisa de forças a todos os energúmenos de carapuça vermelha.

Assim teremos um fim d'anno pacato, feliz e socegado.

No entanto, a avaliar pelo que se vai passando, o anno de 1909 não expirará, lá para os fins do mez, em leito de flores, no antegoso da plena beatitude do passado.

O anno politico velho, na hora tetrica do passamento, revolver-se-ha, talvez nas vascas e convulsões d'um moribundo nevrotico, epileptico, de imaginação transtornada, e com poucas saudades do mundo e da honra nacional.

O sr. Alpoim, esse continua a pairar não com azinhas candidas de anjo papudo, mas de casaca, como elle proprio affirmava no seu «Janeiro» sobre a carcassa mortuaria do Regulo da Anadia.

É um pesadello enorme de banha e de incoherencia, não fica a menor duvida, sobre a imaginação de José Luciano, que ha de morrer com o trambolho indigestível do trampolineiro da Rede, atravessado na garganta.

Pois para que havia de dar ao José Maria, que andára de braço dado com os republicanos em 28, senão para fazer de fêl e vinagre o seu velho e ex-amigo dos Navegantes, dançando a mazurka monarchica blocarda no meio do abstracto Vilhena e do concreto Teixeira, ao som do hymno da Carta, elle que achára, inda ha bem pouco tempo, tanta poesia à Marsehesa nos celebres colloquios com Antonio José d'Almeida e João de Menezes?

E os republicanos ficarão eternamente comidos pela baleia do José Maria que conhece bem os escaninhos da politica nacional e sabe mexer os pausinhos, como um mestre.

Mas apesar de todos os pezares, ainda d'esta vez o Alpoim não consegue escalar o pennacho governamental. O sr. Wenceslau anda ao collo da velha

ama de Anadia e é bem visto nas Necessidades.

Estas duas forças são mais que sufficientes para fazer singrar hoje, em Portugal, a nau do estado, por mais violentos que sejam os temporaes e mais ineptos que se mostrem os marinheiros.

O sr. Wenceslau caminha, indubitavelmente, por mar de rosas...

Quando ás pretendidas pretensões do bloco, que se promptificava a ser o alcoviteiro do rei na realisação do casamento, deram em aguas de bacalhau.

O rei portuguez prescindiu das cartas de namoro que lhes fariam os bloquistas, e elle, ajudado apenas das chancellarias, sempre arranjou a casar-se para breve, se a isso não se oppozerem os republicanos e blocardos, creando attrictos novos à marcha do negocio matrimonial.

Nós pescamos pouco da regedoria politica; mas, como pelos antecedentes se infere dos consequentes, parece-nos que vamos ter reconstrucção ministerial, se os destinos não intervierem em sentido contrario.

Alguns ministros estão com cócegas e a fazerem-se rogados pelos publicos patriotismos; outros com vontade de se porem no olho da rua; para o nicho do sr. Medeiros, se se der a recomposição, está indigitado um ex-juiz de Instrucção criminal, que n'estas occasiões de aperto pôde ser reduzido à expressão mais simples de um ponto de interrogação.

Esta é a formula verdadeira da politica actual, uma formidavel interrogação.

Boatos, alvitres, dictos, bordados todos em redor de um ponto de interrogação!...

XX.

De binoculo

I AM OF YOUR OPINION

Na lufa-lufa d'uma leitura, espreada pela pressa e pela falta de tempo, da «Patria» do burgo, que terceira vez nos veio ter à mão, lá fomos encontrar ainda assumpto que dá pano à farta para mangas.

Todos sabem que cartilha lê a «Patria» e qual a doença de que soffre.

A cartilha que manuseia, onde bebe a sua inspiração, onde caça os tópicos para os seus arrasoados, onde se pedir emprestados, sem d'isso advertir o publico, os argumentos de bronze para a sua lógica de cera, que desfia em doses semanaes aos seus leitores, todos sabem, essa cartilha é o «Mundo» e a «Lucta».

A «Patria» do Porto, essa pouco fornece a «Patria» da parvoia. San-

tos de ao pé da porta não fazem milagres.

E, demais, no Porto ainda não estão tão rubros os espiritos que possam servir de mentores, nos seus jornaes, aos espiritos esquentadissimos dos ferreiros da nossa terra.

A doença, é o delirio *tremens* da incerteza, perante os factos, do bom exito da reviravolta constitucional.

Mas voltando á cartilha, quem souber alguma cousa de doenças jornalisticas, d'essas crises enormes, por que passa um homem que traz aos hombros as columnas d'um jornal para encher e magros recursos na caixa do miolo para o ajudar, bem deve comprehender que esse *quidam* hade ter uma molêta a que deitar a mão, um amigo habitual a que recorrer, um jornal que o tire dos apuros da situação. E' o caso da «Patria» e dos ferreiros.

Quem pretender conhecer a magnitude dos assumptos expostos na «Patria» de Ovar, alguns dias antes de ver a luz, basta passar os olhos pelo «Mundo» e pela «Lucta» para ante gostar a prosa inedita do jornal republicano de Ovar.

Ha dias o «Mundo» (25 nov.) em artigo de fundo, ou de fundição, sob a mascara *Intoleravel tutela* despejava os adjectivos do costume sobre o lombo do governo, por não consentir à Camara republicana de Lisboa que desse a uma rua da capital o nome do revolucionario de Barcelona.

A «Patria», o echo longinquo da grande corneta do França Borges, tambem deu o seu gritinho e tambem enterrou o seu dentinho brejeiro.

As camaras d'estes reinos de Portugal e dos Algarves não podem dar às ruas o nome d'um homem *universalmente respeitado e illustre?*

O governo não entendeu assim, aquelle maroto, e impoz aos pepinos da capital a sua *deliberação prohibitiva*.

Por enquanto fica a chuchar no dedo a memoria do fuzilado de Montjuich, porque o seu nome não figurará n'uma lapide marmorea á esquina d'uma rua lisboeta.

Ora o governo impoz, dentro das attribuições que a lei lhe faculta, o veto aquella «torpidade» republicana, e estava no seu pleno direito.

Agora vai-se reavivando a questão Ferrer, em estado durmente durante o julgamento do outro Ferrer incendiario, menos Ferrer, mas mais tritante que o authentic Ferrer.

Leandro comeu a conta, a justiça ficou satisfeita, lacrimosos os buiças.

Os republicanos desviaram a imagem do «heroe das pulchras harmonias» da vista do povo, e levantaram deante do povo o espectro, myrrado, innocente do Leandro, para fazer o jogo com a opinião publica, de portas a dentro da Boa Hora.

Mas o povo não viu o espectro lastimavel do Leandro innocente, mas o sudario enegrecido e tetrico de 14 victimas comidas pelo incendio e soterradas debaixo dos escombros...

Ferrer será terceira vez lançado

ao ostracismo, se a opinião da «cauda lamacenta do partido republicano» se ousar manifestar pró ou contra o bloco, pró ou contra os Navegantes, pró ou contra o Rei.

Se a opinião se retrahir e deixar essas questões aos politicos de profissão, então para ir sustentando o espirito do povo, electrizar-se ha a memoria de Ferrer, e sae o Martyr em procissão para a rua outra vez: Conferencias, comícios, protestos tudo, para a opinião da gente do «Mundo» não entrar em via de desagregação.

Ha poucos dias, em Setubal, na sede do Centro republicano, realisou-se uma conferencia sobre a escola racional, «procedendo-se á inauguração do retrato de Ferrer, offerecida por uma comissão de socios.»

Tudo serve a estas alminhas do Senhor, com tanto que consigam lá os seus fins.

Que vão pendurando o retrato de Ferrer, revolucionario e anarchista, maçã e livre pensador, nas suas escolas, para apresentar ás creanças como modelo de patriotismo, de amor universal, como modelo de tolerancia religiosa e de propaganda anarchista!

Ha 15 dias ou 3 semanas, n'um jornal francez, «ECHO de Paris» lemos, que n'uma noite os *apaches* substituiram o *lettreiro* da *Rue des moines* por *Rue de Ferrer* e que a auctoridade deu com os pratos na cara a essa malandragem, quebrando logo a *tábelista* e prendendo os atrevidos.

Na França, que é republicana, a auctoridade urbana procede assim. Em Portugal, que é monarchico, a auctoridade urbana de Lisboa procede assado.

Oh! moralidade portugueza que dá com as canastras no chão!

Bastantes jornaes da capital teem feito commentarios áquelle caso que se prende com o regicídio, e que fôra premeditado no Club Montanha.

Diz que n'esta casa fôra determinada a morte de João Franco e D. Carlos.

Que um tal individuo sorteado cujo nome tambem andou por jornaes, era de pontaria desastrada, e que fôra o Buiça destinado a levar a cruz ao calvario. Ora no dia do assassinato, estando um d'estes maduros do Montanha doente, dizem, que ao notificarem-lhe a morte do rei, sem lhe fallarem no nome do assassino, bradára, saltando do leito: *Ah! valente Buiça!*

Se assim foi, para que é que o juiz de Instrucção criminal anda á pista de pistas?

E dizem que a morte do rei é obra da dictadura!

E dizem que a morte do rei nasceu da exaltação pessoal do cerebro do Buiça em ebulição!

Não haveria premeditação, indignação, escolha entre os assassinos e entre as competencias de cada um dos indigitados criminosos?

Oh! como se explicará que a manifestação dos republicanos ao tumulo dos buiças, era não um preito de homenagem, mas um abraço de parabens pela certeza da pontaria! Assassinos e hypocritas.

Isto vae de afogadilho, a penna marcha costa a riba, sem olhar para traz.

E a «Patria»?

E' verdade, que ella alli está e nós sempre a voar d'um assumpto para outro.

Binoculo, attende á «Patria».

No fundo d'uma pá de prosa patarata e mal cheirosa: «o rei foi viajar e divertir-se á custa das miserias do thezouro publico, sem que o povo des-

se sinal de desagrado ou desaprovacão ruidosa».

Ora o que incommoda mais a safardanice republicana, é o povo não dar signal de desagrado e sobretudo de desaprovacão ruidosa.

Aquelles maduros gostam de ver o povo em coisas ruidosas, a ver se as bichas pegam e as aguas se põem turvas.

Lá caçadores são elles, mas só caçarão o barrete na agua barrenta ou sangrenta da revolução!

Em agua de lama ou em poças de sangue que apanheis o barrete da republica, sempre vos ficam manchadas a carapuça e as mãos!

Ninguem sonha em pôr isso em duvida.

Mais uma reviravolta ao binoculo. No artigo a *Caramunha* encyclopedicamente pretencioso e desastradamente architectado, fallando-se das grossas quantias gastas com a passeata manuelina; «Essa conta, annunciaram-na n'um orçamento de sessenta contos do reis».

Concorde connosco de que é uma quantia mesquinha aquella dos 60 contos.

Que seja o dobro mesmo!

E' muito, não ha duvida, para nós. Mas o presidente da republica não faz visitas ás outras nações?

Os outros reis não transpõem as barreiras da sua patria em passeios ou negocios internacionaes?

Não é uma questão de pundonor nacional, esta viagem d'um rei novo e imprevisivelmente pôsto n'um throno, sem conhecer *de visu* as cortes estrangeiras, sem conhecer os homens, a politica e a vida das nações com as quaes Portugal está tão intimamente ligado?

Não pôde resultar d'ahi relações novas de commercio, attracções de novas sympathias, correntes de novos progressos e engrossamento de novas relações para Portugal?

Bem sei que podem argumentar: Tudo isso é verdade, mas Portugal é uma nação pobre que não supporta estes causticos pecuniarios.

Então que se não realizasse a viagem n'este momento, se esperasse occasião mais propicia, talvez.

Mas, fazer toda a especie de propaganda contra a viagem real pelo esbanjamento de 60 ou 100 contos de reis, é caricato.

Os republicanos soffrem de regiphobia. Pelo sim e pelo não, por ter cão e não ter cão, berram, barafustam, tremem, conspiram, erguem os braços e dispáram no fim de contas.

Para incurtar despezas, não foi á Mancha, como deveria ir, um barco portuguez para conduzir o monarcha na travessia de Cherburgo-Londres.

Berraram logo os republicanos, que isto assim não podia ser, que o Rei portuguez nunca deveria offerecer um almoço aos seus amigos n'um *yacht* inglez, que era a Inglaterra no inicio da posse de Portugal, etc., etc.

Se D. Manuel mandasse a Cherburgo um navio de proposito para o levar de Cherburgo a Londres e vice-versa, os republicanos queimavam-n'o vivo.

Ora pois, ora pois!

E como estes linguados até já parecem sôlhas, largas e pesadas como as da Ria em novembro, fiquemos por aqui, que ficamos com a opinião.

Frei Lucas.

HORAS D'OCIO

N.º 10

Um pescador de Ovar, sem que tivesse um vintem de seu, associou-

se com mais 3 de eguaes posses, para (como elle diz) explorar a sua arte; e com isto ganhou 72,500).

Encontrou porém logo, não quem os quizesse ajudar, mas quem com elles quizesse ainda ganhar; e porisso, um lhe emprestou o barco e a rede, mediante o compromisso de receber $\frac{1}{15}$ do rendimento bruto; e outro, lhe forneceu os restantes mantimentos, em troca de $\frac{1}{30}$ do mesmo rendimento.

Não eram, porém, os da companhia, de eguaes aptidões para o trabalho, pelo que tiveram de augmentar ás condições do contracto, mais a de que cada um receberia conforme as horas que tivesse empregado na faina.

E, não foi desarrasoadá esta clausula, pois que a desproporção era flagrante, visto que o iniciador da sociedade trabalhou 1:800 horas, e cada um dos seus companheiros trabalhou respectivamente 2:000, 2:400 e 3:000 horas.

Quanto receberam os pescadores, o dono do barco e o dos mantimentos?

Resposta ao n.º 9:

Mãe 56:250\$000 Filha 28:125\$000
Filho 5:625\$000

Figueira da Foz.

M. E.

?

Deu-lhe um dia na bolha para ser poeta, isto é, creador de lindas coisas rimadas e dispostas em bellas estrophes.

Se não é bem isto, que os leitores nos perdoem a calinada, porque, se a demos, foi por artes magicas do... contagio.

Deu-lhe para ser poeta e vai d'ahi zâs!, pespega-nos com estas e outras só dignas das suas altas congeminiencias:

«Cancros, chagas, pulmões, desfeltos, anemias, febres palustres, reumatismos, ptrophias; —miserias de que inferna o esqueleto hu- (mano—»

Ora agora queiram dizer-nos os nossos physicos onde podemos admirar um esqueleto com tanta doença? Mas nada d'es-pantos.

Calino é até capaz de dizer que os esqueletos padecem do figado e... da mola.

Mas elle não cessa de despejar: da sua torneira... poetica outras bellezas mais vão sahindo, até que em terno murmurio d'agua de bica de chafariz, nos modula abafadamente em voz entrecortada de commoção:

«Raparigas, botões em flor—gastos, pendentes; botões sem cor, botões miserrimos—doentes. Creancinhas velhas...»

E' verdade: lá está: «creancinhas velhas...»

Faz lembrar o Rozalino, fallando de jovens anciãos, de pé santados em bancos de pau feitos de pedra.

Não se riam.

Pois os leitores não teem ouvido dizer que a velhice é uma segunda meninice?

Ora ahi teem: as «creancinhas velhas» de que nos elle falla, são os nossos avós e bisavós.

O progresso já não tolera que lhes chamemos: os velhos. E' duro e feio. Creancinhas é mais suave e doce...

Echos de Vallega

Attentas as funestas consequencias, que resultam da propaganda do mau jornal, necessario se torna obstar por todos os meios ao nosso alcance á sua leitura e propaganda.

O homem é naturalmente curioso e ávido de saber o que se passa a distancia; não pôde, por isso, passar sem um jornal que o ponha a par dos acontecimentos, que mais prendem a attenção da humanidade. Aproveitando-se, porém, d'esta disposição innata do homem, o mau jornal vae inculcando no animo do leitor, de par com a narração (quantas vezes estropiada!) dos acontecimentos, as mais deleterias ideias e os mais derrancaes sentimentos. E é com o cerebro esquentado por taes ideias e o coração repleto de taes sentimentos que o homem ousa cometter os mais abominaveis attentados, lançando no luto milhares de pessoas e na orphandade muitas creanças e desvalidos.

Para obviar a tantos males e cortar pela raiz a causa de tantas calamidades, cumpre a todos aquelles, que amam a sociedade, com esse amor sublime, inspirado pelo Evangelho e que faz d'ella uma familia toda de irmãos, obstar com todas as forças á propaganda do mau jornal, protegendo os bons jornaes e mettendo-os na mão d'aquelles que d'olhos fechados se vão despenhando no abysmo de todas as miserias.

Nada de contemplanções, seja para quem for, nem respeito humanos; porque, quando se trata do bem ou do mal communs, devem-se regeitar todos os bens individuaes e só procurar repellir o mal imminente á sociedade. Isto vem a proposito do que tantas vezes tenho presenciado, quando abordo qualquer individuo e lhe peço que devolva tal ou tal jornal, que pela sua orientação desastrosa é indigno de entrar na casa d'uma pessoa séria; é indigno e é perigoso para a modestia e bom nome d'uma familia. Interpellado, responde o chefe d'essa familia a quem inconscientemente vae propinando o veneno: «eu não devolvo o jornal, porque o director, o gerente, o administrador, ou qualquer outro fulano é amigo, é das minhas relações, e portanto quero fazer-lhe o favor de assignar; além d'isso, eu não faço caso do que o jornal diz, nem o leio, nem me importa a doutrina que elle apresenta; é simplesmente por condescendencia para com fulano, que o assigno».

A este arrasado, que umas vezes é filho da ignorancia e outras da má vontade de quem não quer ver o perigo ameaçador, pôde-se responder com aquelle dictado popular: amigos, amigos, negocios á parte; traducção d'est'outro latino: «amicus Plato, sed magis amica veritas».

E na verdade, que nome mereceria aquelle que para agradar ao pharmaceutico ingerisse uma porção de veneno, que arruinasse a vida?

Que conceito se formaria d'aquelle que imprudentemente brincasse com um explosivo, no risco certo de fazer voar pelos ares a sua casa e toda a sua familia? Não me atrevo a qualificar um tal procedimento. E é isto mesmo que faz aquelle que por condescendencia assigna o mau jornal.

Se tu não o lês, pôde lel-o algum teu filho, ou filha, que soffrerá com essa leitura. Se tu não te importas com a sua doutrina, concórres com o teu dinheiro para que esse veneno se vá infiltrar em muitos espiritos innocentes, que se converterão em demónios vivos da sociedade, da familia e do individuo.

Guerra, pois, sem treguas ao mau jornal que, segundo o sentir expresso do grande luminar da Igreja; Leão

XIII, é a causa unica de todo o mal-estar da nossa sociedade.

Procuremos por todos os meios supplantar o mau jornal, estirpal-o do meio da nossa sociedade, substituindo-o pelo jornal bom, modesto e que satisfaça ás exigencias do nosso espirito. Combatamol-o onde quer que se nos depare esse cancro roedor da nossa epocha, esse agente de destruição dos nossos tempos; soneguemos-lhe o nosso obulo, guardando-o para os grandes diarios catholicos: a «Palavra», do Porto, o «Portugal» e a «Liberdade», de Lisboa; e influamos no espirito de todos os nossos conhecidos, para que abandonem toda essa caterva de jornaes impios e maleficos que todos os dias se espalham, como bandidos, pelo meio da nossa sociedade para lhe roubarem a sua joia de mais subido quilate: a crença religiosa.

Vallega, 28—XI—909.

Jospin.

BOLETIM ELEGANTE

Fazem annos:

Hoje, a menina Soares d'Oliveira Santos.

A'manhã, Joaquim Augusto Ferreira da Silva.

Em 13, o sr. Manoel Antonio Lopes.

Noticias

Partidas

No dia 27 do mez findo partiram para o Pará, Brazil, o nosso amigo sr. Manoel José Leite dos Santos e os srs. Antonio Augusto dos Reis, Manoel d'Oliveira Ramos Junior, Manoel Paes, João André d'Oliveira e Manoel da Silva Felix.

No mesmo dia para Manaus os srs. Joaquim Rodrigues Cavaco, Manoel da Cunha Mendes, Antonio Rodrigues Aleixo, Antonio Luiz de Sá, Antonio Maria Rodrigues da Silva, Antonio de Pinho Branco, Manoel Bernardo dos Santos, Manoel Maria de Pinho Fião, Manoel Maria Cação e Angelo Ferreira.

Para o Rio de Janeiro os srs. Francisco d'Oliveira Duarte e José Rodrigues Vargas.

Que tenham feliz viagem e regressem á sua patria cheios de saude e fortuna para alegria de suas familias e amigos.

Fallecimento

Pelas 11 h. da manhã de terça feira 7, falleceu n'esta villa a sr.^a D. Margarida Gomes da Silveira, prima dos nossos amigos srs. Antonio Augusto de Abreu, Isaac Fonseca da Silveira e José da Silva Carrelhas.

A toda a familia os nossos sentimentos pezames.

Agressão de que resultou a morte

A noticia que demos no nosso numero anterior sob o titulo —Desordem—temos a acrescentar: O assassinado, Antonio Francisco da Silva, da freguezia de Maceda, era capataz dos armazens dos srs. Costa & Irmão, do Porto, onde era muito bemquisto pelo seu irreprehen-sivel comportamento. N'elle depositavam inteira confiança os seus patões.

No dia 27, depois de chegar do Porto e de ceiar, foi para o serão, que n'essa n'oute houve na casa Esteves, de Maceda.

Antonio Joaquim dos Reis, seu irmão Adriano Joaquim dos Reis e Serafim de Sá Balão, da freguezia de Cortegaça, tambem

ali foram e encontraram o Antonio Francisco da Silva.

Logo que terminou o serão formaram-se dois grupos e dirigiram-se para a taberna do Polaco, onde começou a aggressão. A umas leves palavras de provocação seguiu-se uma cacetada, que não o attingiu.

Postos fóra da porta, a victima da cobardia, vendo tanta gente para elle, ia a proferir umas palavras: «que era homem para cada um e não para todos», quando lhe vibram duas cacetadas na cabeça, que o prostraram.

A noticia de tal acontecimento circulou rapidamente em ambas as freguezias e encheu de consternação os seus habitantes, arguindo-se como principaes auctores Antonio Joaquim dos Reis e seu irmão Adriano Joaquim dos Reis.

O regedor da freguezia de Cortegaça tendo conhecimento da brutal aggressão de que resultou a morte, não só não prendeu os dois irmãos, como lhes deu tempo para se pôem a salvo; mas como Deus não dorme, foram elles capturados no Porto, quando pretendiam ausentar-se clandestinamente, para fugirem á responsabilidade.

Acompanhava-os um familiar do zeloso regedor que tambem foi preso e que ficou com susto para emquanto lhe lembrar.

Serafim de Sá Balão, companheiro dos agressores foi preso pelo mesmo regedor—para salvar aquelles—quando é notorio que este pouca ou nenhuma responsabilidade tem. Mas o tribunal vai fallar; pois estamos cren-tes que, embora a senhora politica já fervere, ha-de ser feita justiça a todos, porque confiamos muito nos dignos magistrados judiciais.

Director do correio d'Ovar

Por se provar que a irregularidade commettida com a correspondencia do nosso presado amigo e brioso official do exercito, sr. Bernardino de Senna Lopes, era da responsabilidade do director do correio d'Ovar, foi este castigado disciplinarmente.

Haverá emenda?

De bom grado acceitamos e nos faremos echo das queixas que os nossos leitores possam ter de futuro do sr. director do correio.

Para isso devem vir assignadas pelo auctor.

Passaportes

O «Diario do Governo» publicou uma portaria determinando que de futuro os governadores civis não concedam passaportes á reservistas nem a individuos menores de 14 annos, sem mencionar nos primeiros a data em que elles tem de sahir do reino, e nos dos segundos, aquella em que o podem fazer, e sempre antes de completarem os 14 annos até á data do embarque.

Querem-os assim ou com mais molho?!

O orgão independente-progressista, respondendo á sua irmã «Patria» Patarata Vareira diz:

«Resposta ao pedido—A «Patria» pede que lhe digamos se os Pachecos entregaram alguma quantia, e no caso affirmativo aonde está. A «Patria» sabe muito bem o que ha sobre o as-

sumpto, mas por um capricho infantil, quer que se ponha tudo em letra redonda. Pois ahí vae. Os Pachecos cumpriram, e o dinheiro está depositado em poder de pessoa honesta, á espera de ser applicado em melhoramentos no Furadouro.»

E' o que sempre aqui temos affirmado. As duas irmãs e o irmão intendem-se muito bem e conhecem tudo, e qualquer pergunta ou pedido é para inglez ver.

O irmão e a irmã semi-monarchicos tem todos os entendimentos com a irmã republicana «Patria» Patarata Vareira. Nem se besliscam! Não se querem fazer sangue!

Veja o povo que usa uma gravata, o povo honesto e honrado, se nós mentimos no que temos affirmado! Elles sabem, mas fazem perguntas ociosas para enganar o Zé.

Mas então quanto é que pagaram os «Pachecos»?

Quem é o depositario d'esse dinheiro?

Será o «Jornal d'Ovar»?

E que se tenciona fazer a esse dinheiro?

A que melhoramentos o destinam?

Porque não se cria em Ovar uma commissão de melhoramentos? Ha em Ovar gente séria, honesta e abastada que entre si podia formar uma commissão de melhoramentos para tratarem de bem da nossa infeliz terra.

Ahi fica a lembrança.

Realison-se no dia 3 no Centro Regenerador Liberal do 2.º Bairro de Lisboa, uma sessão solenne de abertura das aulas, a que assistiu o nosso illustre e querido chefe sr. Conselheiro Vasconcellos Porto.

Noticias militares

Pelo commando do districto de recrutamento e reserva n.º 24 acaba de ser publicado o mappa da subdivisão dos suprimentos aos contingentes militares do corrente anno, por effeito do qual vão ser chamados ao serviço, além dos que já lá andam, mais 4 mancebos d'Agueda, 3 de Albergaria, 4 de Anadia, 5 de Aveiro, 1 de Espinho, 7 de Estarreja, 2 de Ilhavo, 2 de Cambra, 6 de Oliveira d'Azeméis, 2 de Oliveira do Bairro, 6 de Ovar, 2 de Sever, 2 de Vagos e 10 da Feira.

Associação de Soccorros Mutuos

Por falta de numero de socios ficou transferida para domingo proximo a assembleia geral; n'esse dia serão eleitos os corpos gerentes com o numero que houver.

Continua guardando o leito o nosso estimado amigo sr. Antonio Augusto Freire de Liz, muito digno escrivão de direito da nossa comarca.

—Sua extremosa esposa, ex.^{ma} sr.^a D. Maria vae passando melhor dos seus soffrimentos.

Contribuição industrial

De 1 a 10 do corrente está em reclamação a contribuição industrial, que os interessados poderão aliviar pelos fundamentos seguintes;

1.º—Erro na passagem da colecta para a matriz; 2.º—Erro no calculo de quaesquer impostos adicionais; 3.º—Por terem cessado de exercer a sua

industria em 1, 2 ou 3 trimestres do anno.

Em Arada foi creada uma escola do sexo feminino. Felicita-mos o povo d'aquella freguezia a por tão util melhoramento.

O nosso conterraneo sr. Manoel Rodrigues Leite, foi promovido a alferes, sendo collocado em Aveiro em infantaria 24, pelo que o felicitamos.

O que elles são

No Porto foi preso e entregue ao tribunal o pharmaceutico Mario de Vasconcellos, proprietario na rua da estação, n.º 166, por haver mandado ao pharmaceutico sr. Alberto Luiz Ferreira, da Avenida Saraiva de Carvalho, 20 grammas de sub-azotato de bismutho com certa dose de strichinina, com o fim de compromettel-o.

E' necessario accentuar que o criminoso está filiado no centro republicano Antonio José de Almeida.

Do «Diario Illustrado»:

Uma ligeira discordancia de caracter doutrinario:

Porto, 28—No centro republicano de Campanhã, no momento em que estavam reunidos varios socios, houve uma questão entre alguns d'elles, sendo ferido com uma navalhada no peito José Rodrigues Ferreira, empregado ferro-viario. Foi curado no hospital da Misericordia.

Bem diz o sr. Bernardino Machado: 1.º—que o partido republicano assenta sobre os sentimentos do reciproco amor e damais larga tolerancia. 2.º—que onde está hoje um republicano, está um homem de bem.

Aquello está, mas é com uma cor-deal navalhada nos bofes.

O que lhes falta? Teem incendiarios, envenenadores, faquistas, gatu-nos (Petiz das Gravatas) e anarchistas...

Está completa.

CURIOSIDADES

O arroz á a base alimenticia pelo menos uma terceira parte do genero alimenticio.

Entre Londres e Pariz circulam diariamente 30:000 cartas.

De cada milhão de habitantes da Gran Bretanha morrem de varioia 25 mil pessoas annualmente.

Na formosa egreja de S. Pedro em Roma cabem 54:000 almas.

O trigo semeava-se na China 3000 annos antes de Jesus Christo.

ANEDOCTA

Ha pouco tempo a Rainha da Dinamarca fez uma excursão á Islandia, ilha boreal que como se sabe, fórma parte d'aquelle reino.

Conversando com o Bispo luterano d'aquelle paiz (é sabido que os sacerdotes luteranos são casados) S. M. perguntou quantos filhos tinha.

A palavra danesa que significa filho, sôa como a que significa borrego e como o bom Bispo é um pouco surdo comprehendeu a ultima phrase.

Tenho uns duzentos—disse á Rainha.

A soberana horrorizou-se! —E como faz para os manter a todos?

Muito serio. No verão mando-os ao campo pastar e no inverno vamos matando e comendo.

TELHA DE OVAR

(1)

Os preços da telha d'esta fabrica actualmente, tanto na fabrica, como no caes da Ribeira, ou em wagon na Estação do caminho de ferro de Ovar, são:

1.^a 21\$000 — 2.^a 16\$000 — 3.^a 13\$500 reis

Isto sem desconto algum. Fabrica Largo do Martyr.

A sua resistencia eleva-se a mais de 100 kilos

Escolha feita a rigor

PROPRIETARIOS:

Peixoto, Ribeiro & C.^a

Uma visita á (2)
PHOTOGRAPHIA CARVALHO

R. do Passêio Aegre, 27 e 29

—* ESPINHO *—

Todos os trabalhos photographicos
Retratos em porcellana
Retratos coloridos e oleo, aguarella e pastel
Retratos em esmalte, semi-esmalte e marfim
Miniaturas a oleo para medalhas, e que ha de mais moderno e artistico. Effeitos de luz, novidades, etc., etc. Officina mechanica de cartonagem photographica moderna.
Ampliações e reproduções de qualquer retrato. Transformação de vestidos e penteados.

Preços sem competencia

ESPIGARDAS DE CAÇA (3)
E TODOS OS APRESTOS

Esta antiga casa, tendo concluido as grandes obras que fez nos seus depositos e na sua loja, tornando-os mais vastos e mais confortaveis, recebem o seu importante sortido de armas de caça, de todos os systemas e dos melhores fabricantes, de fabrico exclusivo para a Casa LINO, de sorte que em nenhuma outra casa será possível encontrar uma unica espingarda igual ás que esta vende.
Chegou tambem o sortimento de Cartuchos de caça e para tiro aos pom-bos—Accessorios de caça e pesca

Prana «Sparklets»
Vibrador «Verno»
Serveteiras
etc., etc., etc.

Casa Lino

40—Parça de D. Pedro—41

(4) Agua do Barreiro

Cura radicalmente a «anemia», a «chlorose», as «doenças de estomago» e «menstruações difíceis»

Deposito em OVAR: Viuva de SILVA CERVEIRA.

PAPEIS PARA FERRAR CASAS

(5) Das principaes fabricas estrangeiras, acaba de receber um variado e importante sortido ao deposito da fabrica de

Antonio Cardoso da Rocha

178—Rua de Santo Antonio—180

N'este deposito ha tambem grande variedade em papeis nacionaes, em todos os generos e preços, imitações de vitraux, de couros, cartões para estuque, bonds, panneaux decorativos, etc., etc.

Vidraria S. Bento (6)

— de —

MANOEL ALVES BARBOSA

Praça Ameida Garrett, 20

—* PORTO *—

Especialidade em christaes, vidrarias diferentes, porcelanas, candieiros, louças estrangeiras e nacionaes e uma infinidade d'artigos pertencentes a este ramo.

(8) **Histogeno Llopis** Unicomeditamento adoptado nos Dispensarios anti-tuberculosos, Sanatorios, Hospitales da Misericordia de Lisboa, Porto e Clinicas particulares para a cura da

Tuberculose Diabetes Anemia Neurasthenia

e doenças consumptivas em geral, que, abandonadas no seu principio, dão origem á tuberculose. O doente sente-se melhor com um frasco e curado tomando seis. Precaver «contra os productos similares» que na pratica tem demonstrado se alteram, produzindo effeitos contrarios e prejudiciaes á saude.

Peça-se sempre o HISTOGENO LLOPIS unico que cura, unico inalteravel.

Para a cura da DIABETES preparamos o Histogeno anti-diabetico, formula especial de resultados seguros na cura dos doentes submettidos ao tratamento

Formas do HISTOGENO LLOPIS: Histogeno liquido; Histogeno granulado; Histogeno anti-diabetico. Preço do HISTOGENO: Frasco grande 1\$000 reis; frasco pequeno, gratis aos pobres dos Dispensarios.

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias. Representante geral em Portugal a Medicinal Drogaria, de Antonio Cerqueira da Motta e C.^a, successor de Santos Caria e Sobrinhos, rua Mousinho da Silveira 115, Porto. Em Lisboa C. Mabony do Amaral, rua de El-rei, 73 2.^o

(9) ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA E DEPOSITO DE GARRAFÕES

MARQUES & ARAUJO

— LIMITADA —

—* Vendas por junto e a retalho *—

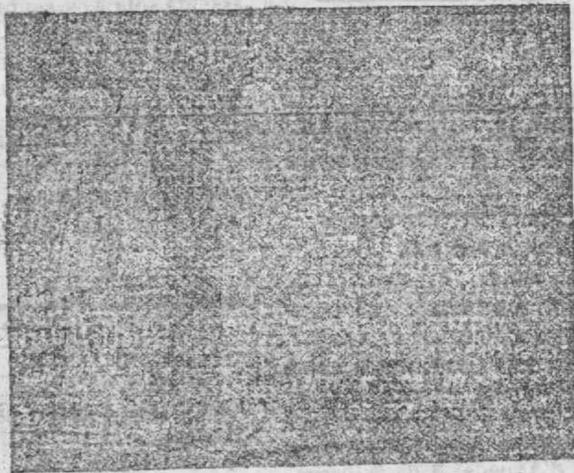
Rua de S. João n.^{os} 44 a 45—PORTO (Telephone n.^o 616)

(10) DENTISTA MECHANICO

Candido Henriques da Silva

Executa todos os trabalhos de Proteze dentaria, colloca dentes desde 1\$000 a 3\$500 reis cada sem o incommodo da peça vulcanisada. Trabalhos garantidos e perfeitos.

Ovar, Largo dos Campos, Ovar



AZULEJOS

José Pereira Valente, Filhos

RUA D. LEONOR N.^{os} 114 A 134

—VILLA NOVA DE GAYA—

DEVEZAS



Teeph one, 279

Endereço telegraphico «Azulejos»

Louça para uso domestico em faiança e pó de pedra. Artigos de saneamento e decorativo.

Fabrico especial em azulejo fino a rivalizar com o melhor estrangeiro

Não confundir com a fabrica ceramica do mesmo lugar Cuidado, pois.

Preços os mais convidativos (7)